

## A “SÁTIRA QUE MORDE” EM ÁLVARES DE AZEVEDO E OUTROS ROMÂNTICOS (The “Satire That Bites” in Álvares de Azevedo and Others Romantics)

### ABSTRACT

This article focuses, regarding the Brazilian Romanticism, on a divergent production of the traditional romantic melopoeia, with which some writers outlined, by means of the disarticulation of a conventional literary language, of the irony or the disrespect, a favorable consciousness which headed for the opposite direction of the literary practices of that time.

**Keywords:** romanticism – satire - irony.

### RESUMO

Este artigo focaliza, dentro do Romantismo brasileiro, uma produção divergente da melopéia romântica tradicional, com a qual alguns escritores esboçaram, por meio da desarticulação de uma linguagem literária convencional, da ironia ou do desacato, uma consciência benéfica que rumava em sentido contrário aos costumes literários da época.

**Palavras-chave:** Romantismo – sátira – ironia.

O projeto estético de Álvares de Azevedo, explicitado no prefácio da segunda parte de *Lira dos Vinte Anos*, propõe o rompimento com a linguagem melodiosa e com o estilo elevado da imagem sublime – que buscam tão somente a virtude da literatura, as subjetividades poéticas, mediante canto de fé e esperança numa civilização ideal – em detrimento de um tratamento a um mundo menos idealizante e mais prosaico.

A aproximação com o mundo da experiência, como meio de tornar possível a crítica aos valores artísticos da época, dar-se-ia, também, pela desarticulação de uma linguagem literária convencional, caracterizada pela concepção didática de literatura e pelo predomínio dos gêneros ditos sérios.

Partindo desses pontos, este artigo objetiva lançar luz sobre uma notável produção, que, motivada pela necessidade de reagir contra o lirismo lacrimajante do primeiro Romantismo, questionou, mediante ironia, crítica e riso sarcástico, um certo padrão literário em voga.

---

\* CEFET/PB.

## A IDEALIZAÇÃO ROMÂNTICA EM QUESTÃO

Mesmo tendo aderido ao cânone romântico, tematizando a mulher, o amor e a morte, utilizando, para tanto, os recursos disponíveis naquele momento estético, Álvares de Azevedo sabia da precariedade de tais recursos a ponto de rir deles. Em alguns casos, a tematização e a dessacralização das imagens consideradas essencialmente poéticas, como as da mulher virtuosa e da natureza, tornaram-se assuntos através dos quais Álvares de Azevedo expôs sua visão a respeito da atividade literária contemporânea, tomando-os como temas propícios para emitir juízos críticos a respeito do modo como o Romantismo estava sendo desenvolvido na época.

Em relação a seus contemporâneos, os escritores da chamada segunda geração romântica, Álvares de Azevedo não estava sozinho nesse movimento de dessacralização de motivos “sagrados” para o Romantismo: os poemas irreverentes da 2ª parte de *Lira dos Vinte Anos* não se encontravam isolados, mas se integravam a uma tendência literária ocorrida em São Paulo, que produziu ao longo do tempo um conjunto de textos realmente impressionante pela liberdade inventiva.

Temos, por um lado, a produção socialmente aceitável: poemas áulicos e patrióticos de Bernardo Guimarães e José Bonifácio de Andrada e Silva “o moço” e versos de Álvares de Azevedo, que tematizam a pureza do amor fraterno, e, por outro, uma produção para a circulação mais restrita ou marginal: o “bestialógico” e a sátira pornográfica, correspondentes, na obra azevediana, à atmosfera em que ocorrem os assombrosos fatos de *Noite na taverna*.

Além disso, figura em nosso romantismo um conjunto de textos % o “cancioneiro alegre” % representado por Álvares de Azevedo, Bernardo Guimarães, José Bonifácio de Andrada e Silva, Laurindo Rabelo, Luís Gama, Bruno Seabra e Franco de Sá, no qual “floresceram lado a lado e exuberantemente a paródia, a sátira, a chalaça e a pornografia” % produzidos por escritores da chamada 2ª geração, impressionantes, não apenas pela “qualidade literária”, mas também porque neles se entremostam os poetas que, embora pagassem um tributo excessivo às convenções românticas, “transformavam-se de súbito, ao sopro da maledicência, da lascívia ou da simples emulação boêmia, em virtuosos da palavra, improvisadores de raro talento e inventividade” (FRANCHETTI, 1987, pp. 7-17).

Ainda nesse sentido, um exemplo a que podemos aludir é o de Fagundes Varela, que, recém-chegado em São Paulo para estudar Direito, em 1859, com 18 anos, vindo da tranquilidade do interior, publicou na imprensa local dois textos, entre os quais “Desvario de um poeta”, que ambicionava pôr por terra o tabu da virgindade das moças, trazendo à baila, portanto, tema bastante polêmico para a época (FRÓES, 2001).

Longe de mim os preconceitos loucos  
Que o vulgo segue de cerrados olhos;

.....  
Quero amar e gozar! pouco me importa  
O que depois suceda...

.....  
Vem amar-me, mulher, quero em teus beijos  
Matar a sede que me queima o seio...

.....  
A virgindade o que é? Quimera estúpida,  
Estulta convenção da humanidade.  
Mais pura és tu, que teus desejos matas,  
Do que as virgens que em sonhos se desonram...

.....  
A vida sem o gozo é como o dia  
Que desponta nublado e assim se esconde.  
Venha um raio de sol, quero gozá-lo!...

Luís Gama, ex-escravo e autor de *Trovas burlescas*, avesso à abordagem de temas ditos profundos e mais envolvido com a sátira, direciona seus ofensivos versos a todos os tipos que lhes pareciam questionáveis, tais como os “barões da traficância”, os “emproados juízes de trapaça”, os charlatães da medicina, os sabichões da cultura, os velhotes gaiteiros que se atiram às moças ou a raça nefasta dos políticos “Que se aferram às tetas da Nação / Com mais sanha que o tigre, ou que o Leão”. Contrapondo-se, não raro, aos exageros da lírica e a “uma castrada poesia”, aos poetas não faltaram ataques da sua pena, para os quais indicava suas sátiras como “Remédios para os parvos d’excelência / Que, aos arroubos cedendo da loucura, / Aspiram do poleiro alta eminência”. (FRÓES, 2001).

No artigo “Romantismo: uma estética de loucos”, Fróes (2001) afirma que, com as produções românticas caracterizadas pelo freqüente aproveitamento de termos originários do povo,

a vertente satírica do Romantismo assume hoje significação mais concreta do que os poemas preciosamente compostos para louvar causas tomadas por nobres, porém ainda questionáveis em sua forma e essência, como a guerra fratricida e estúpida contra os paraguaios. Os poemas sérios e grandiloqüentes sobre questões políticas, passado o ardor das batalhas, trazem fortes ressaibos de uma empostação de encomenda, mesmo que fossem das melhores possíveis as intenções dos autores. O problema com a poesia engajada, seja ela qual for, é que o próprio entusiasmo das causas a leva a acessos retóricos, e esses, diluindo-se o contexto de origem, correm o risco de perder toda a força num mar de frases vazias. Em contrapartida, a ironia e a sátira, sobrepondo às razões de indignação momentânea

um incentivo ao riso eterno, posto que eterno se abra o palco dos desacertos humanos, têm condições de se manter vigorosas e aplicar seus açoitões, na linguagem geralmente mais espontânea em que os criam, a todo um rol de situações que, mudados não obstante os atores, sempre estão a repetir-se na vida.

No tocante especificamente a Álvares de Azevedo, diferente do que freqüentemente se afirma em sua fortuna crítica sobre uma poética voltada unicamente para as desgraças, as intempéries da vida, é possível encontrar na produção azevediana, sem muita dificuldade, o cultivo de uma outra faceta, menos séria e menos melancólica, expressa principalmente em *Lira dos Vinte Anos*. Um exemplo é o do poema “Namoro a cavalo”, que ironiza as convenções relativas ao enlace amoroso romântico: em função das diferenças sociais existentes entre o casal de namorados, a ida ao encontro da amada torna-se desastrosa, pois, para chegar ao local onde ela mora, ele teria que dispor de uma quantia bem maior da que dispunha, para que pudesse alugar um “cavalo de trote”. Vejamos o poema:

### NAMORO A CAVALO

Eu moro em Catumbi. Mas a desgraça  
Que rege minha vida malfadada  
Pôs lá no fim da rua do Catete  
A minha Dulcinéia namorada.

Alugo (três mil réis) por uma tarde  
Um cavalo de trote (que esparrela)!  
Só para erguer meus olhos suspirando  
A minha namorada na janela...

Todo o meu ordenado vai-se em flores  
E em lindas folhas de papel bordado  
Onde eu escrevo trêmulo, amoroso  
Algum verso bonito... mas furtado. (...)

Ontem tinha chovido... que desgraça!  
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,  
Mas lá vai senão quando uma carroça  
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Eu não desanimei. Se Dom Quixote  
No Rocinante erguendo a larga espada  
Nunca voltou de medo, eu, mais valente,  
Fui mesmo sujo ver a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado  
Onde habita nas lojas minha bela  
Por ver-me tão lodoso ela irritada  
Bateu-me sobre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namoros  
Entre dentes tomou a bofetada,  
Arrepiá-se, pula, e dá-me um tombo  
Com pernas para o ar, sobre a calçada...

Dei ao diabo os namoros. Escovado  
Meu chapéu que sofrera no pagode  
Dei de pernas corrido e cabisbaixo  
E berrando de raiva como um bode.

Circunstância agravante. A calça inglesa  
Rasgou-se no cair de meio a meio,  
O sangue pelas ventas me corria  
Em paga do amoroso devaneio!...  
( p. 242)<sup>1</sup>

Sendo bastante influente junto à mocidade acadêmica de São Paulo, Azevedo representou um modelo de escritor que exaltava os símbolos da vida do estudante das repúblicas: o cachimbo, o cigarro, o charuto, o *cognac*. Segundo Paulo Franchetti (1997, pp. 7-17), “dele também deriva uma tendência ao riso amargo da auto-ironia, da autoparódia, cujos traços são perceptíveis na obra de vários contemporâneos.” Sobre estes, a influência da poesia de Álvares, principalmente no que concerne a uma notável produção de textos bem-humorados, não é certamente das menores. Tendo sido sua obra publicada e republicada nos anos subseqüentes à sua morte, a obra azevediana teve papel fundamental para “a consolidação da tendência a observar a vida de um ponto de vista burlesco, contrapondo ao mundo ideal dos valores cavaleirescos as visões divertidas da Ilha Barataria de D. Quixote” (FRANCHETTI, 1987, pp.7-17).

Bernardo Guimarães, outro amigo próximo de Álvares de Azevedo, é um expressivo representante de uma produção burlesca dentro do Romantismo brasileiro. Essencialmente satírico, esse escritor se torna às vezes francamente

---

<sup>1</sup>Todos os poemas e trechos de obras azevedianas foram extraídos da seguinte edição: AZEVEDO, Álvares de. **Obra Completa** (2000). Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

obsceno, indo muito além do sarcasmo, afastando-se léguas da debilidade amorosa que povoava o universo romântico. Mais conhecido como romancista, Bernardo também escreveu vários livros de poesias – *Cantos da solidão* (1852), *Inspirações da tarde* (1858), *Poesias Diversas, Evocações, Novas Poesias* (1858), *Poemas polêmicos* (1875), *Folhas de outono* (1883) e *Dispersos* % uma reunião de poesias não publicadas em vida do poeta % e o canto épico *A Baía de Botafogo* (1864).

Em alguns de seus poemas, assim como ocorre com Álvares, Guimarães problematiza o prosaico na poesia, ao inserir termos tidos como pouco poéticos, mas a sua participação quanto ao questionamento do código poético em voga não se restringe a esse procedimento: o poeta mineiro publicou, clandestinamente, *Poemas Polêmicos*, representados por “O Elixir do Pajé” e “A origem do mênstruo”, os quais Basílio de Magalhães, crítico que melhor estudou sua vida e obra, ao comentar as “poesias bocageanas, humorísticas e satíricas,” denomina “poemetos imorais”.

Bernardo Guimarães leva sua ironia a extremos, atacando de modo atrevido temas considerados tabus, como o faz no poema “A origem do mênstruo”, em que recupera poeticamente um manuscrito fictício do que seria uma fábula de Ovídio. Desmistificando a visão consagrada relativa às relações entre os deuses da mitologia greco-romana, o poema descreve “os acontecimentos que levaram as dores e os incômodos do ciclo menstrual a todas as mulheres”, provavelmente um tema-tabu para a época.

“A origem de mênstruo” é uma sátira mesclada de termos considerados, não somente “apoéticos”, mas decididamente “anormais” diante do que estava cristalizado enquanto literatura em voga. Permeado de um erotismo escrachado, o poema ousa dessacralizar mitos, destronando o Olimpo de sua aura de sublimidade e inacessibilidade, estruturado em morfemas e estruturas lexicais que escandalizam e chocam, pela vulgaridade de suas descrições de obscenidade. A vulgaridade, em nível vocabular, é misturada a expressões tanto eruditas quanto típicas do prosaísmo, possibilitando, no interior do texto, o trânsito de diferentes registros lingüísticos.

Com um vocabulário recheado de palavras, esses poemas tiveram grande aceitação popular. Tanto “A origem do mênstruo” como “O Elixir do Pajé” figuravam em pequenos folhetos de quinze páginas. Com eles, Bernardo Guimarães subverte os padrões estabelecidos em dois níveis: o da literatura reinante no período romântico de sua época e o de seu próprio estilo já consagrado.

Não fossem seus “bestialógicos” % “Orgia dos duendes”, “O Elixir do Pajé” e “A Origem do mênstruo” % através dos quais o poeta atinge os limites do chulo e do obsceno, Bernardo Guimarães, conforme assinalou Manuel Bandeira, seria mais um poeta medíocre. Essas suas poesias que o enquadram como uma das forças cômicas da poesia brasileira, são, sem dúvida, contribuições originais a nossa literatura.

Segundo Antonio Candido *apud* Cunha (2000, p. 270), em artigo que retoma a tradição do bestialógico, alguns amigos de Guimarães, provavelmente Aureliano Lessa e Álvares de Azevedo, entre outros, devem ter sido experimentados nesse tipo de produção. Raimundo Magalhães – biógrafo de Álvares de Azevedo – observa a existência de poemas obscenos seus, que estariam em propriedade de algum desconhecido colecionador de textos raros, a quem convoca a torná-los de conhecimento público.

Sobre a face humorística de Bernardo Guimarães, Candido (1997, p.157) afirma:

[...] era variada e rica, manifesta não apenas na produção *oficial*, mas numa vasta atividade oral de improviso e pilhéria, que entrou para a lenda junto às suas atitudes excêntricas. Num primeiro nível encontramos produção bem parecida à ligeira poesia íntima do seu inseparável Álvares de Azevedo: poemas leves e excelentes em que a graça e o devaneio equilibram o humor, como “Ao charuto” ou “Minha rede.” A seguir vêm outros em que o tema é impessoal e a intenção satírica: “O nariz perante os poetas”, “Delírio de papel” [sic], “A saia balão”.

De um modo geral, o grupo de escritores românticos, entre os quais se destacam Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães, voltando-se para uma produção intensamente divergente da cantilena romântica convencional, além de traçarem, pela desarticulação de uma linguagem literária convencional, um julgamento ao movimento de que faziam parte, imprimiam “concretude e prosaísmo à arte escrita da época, marcando uma importante mudança de postura na arte: a aproximação entre obra e realidade.

Essa atitude provocadora do riso, o jogo genial com a linguagem e a ousadia de brincar com os temas-tabus abalam um pouco o mito de ser a obra azevediana (e do grupo de escritores da chamada geração ultra-romântica) tão somente de caráter pessimista, melancólico, eivado de desgraças existenciais, abrindo outras possibilidades de visualização da obra desses escritores tão marcados pela denominação de representantes do mal-do-século.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Álvares de (2000). **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- CANDIDO, Antonio (1997). **Formação da Literatura brasileira**. Vol. 2, São Paulo/Belo Horizonte: Itatiaia.
- CUNHA, Cilaine Alves (2000). **Entusiasmo indianista e ironia byroniana**. (tese). USP.
- FRANCHETTI, Paulo (1987). O Riso romântico – Notas sobre o cômico na poesia de Bernardo Guimarães e seus contemporâneos. *In: Revista Remate dos males*. IEL/ Unicamp.
- FRÓES, Leonardo (2001). <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/ag1314froes.htm>>. Acesso em 17/09/2004.
- VILLAÇA, Alcides (1999). Álvares de Azevedo: O riso de um soneto. *In: Todas as letras* – Revista de Língua e Literatura. nº 1. São Paulo: Mackenzie.

